

Projecto de trabalho

Manuela Jardim, exerce funções de docente desenvolvendo paralelamente desde 1978, um projecto em pintura, que tem por objectivo, a fantástica viagem no período dos Descobrimentos.

Usando o elemento água como meio de expressão, essa viagem, misto de passado e de futuro, desenvolve-se no seu mundo imaginário através de linhas que se cruzam e divergem e são labirintos de signos visuais, que se perdem e se encontram, procurando reflectir a dimensão dos intercâmbios culturais.

Em termos de cor e transparência, a predominância, dos tons esbatidos de azul (símbolo água e infinito), rosa, cinza (símbolo sonho) e o ocre (símbolo terra), enriquecem a mensagem lírica que, da História numa atitude de observador participante, Manuela Jardim pretende transmitir. Por outro lado, os traços que representam o movimento, são propósitos e determinações e são também pretexto e razão de ser de uma profunda e coerente pesquisa.

Na verdade todas as experiências do projecto de Manuela Jardim, respondem a uma fecunda preocupação pelos processos estéticos e expressivos de comunicação que são afinal a essência do fenómeno artístico. Respondem também, a uma imensa necessidade de investigar a própria linguagem da arte porque ser artista é inventar, é construir e incluir novos elementos, novas paisagens, novos horizontes e novas perspectivas à própria realidade...

O processo criativo da obra de Manuela Jardim é sobretudo a mensagem de um poético chamamento, cheio de delicadeza, que enriquece o nosso mundo de beleza e espiritualidade alargando a fronteira entre a vida e a arte. Fornece-nos escape e evasão para hipóteses de alternativa possível, conduzindo as viagens do pensamento humano ao sonho e ao imaginário.

Tchilay / 1978

O Ser e o Cosmos

É implícito o reconhecimento duma certa aspiração de simbolismo cósmico no já longo tirocínio pictórico da artista Manuela Jardim.

Pinta com surpreendente serenidade, alheia ao obcecante delírio espaço - temporal dos mutantes conceitos estético - filosóficos, no contexto da realidade universal, particularmente permeável às excentricidades especulativas da arte *kitsch*, que na modernidade é, por vezes, a aberrante expressão de incontidas obsessões e frustrações artísticas.

A sua arte, de um lirismo impressionista marcadamente espiritual, exprime-se em imaginárias abstracções de transparente beleza onírica no plano pictoral.

As antropometrias imagéticas, de acentuada empatia étnica, reflectem um judicativo ecletismo estediósico das figuras que captura, quase sempre, em enigmáticas poses plásticas de harmoniosa quietude e místico silêncio, na fímbria da evasão nirvânica que precede o iminente salto para o irreal.

A pintura poética ou metafísica de Manuela Jardim, encerra uma feliz combinação abstraccionista de tendências plásticas, desde o orfismo ao futurismo, do cubismo ao purismo, do sincronismo ao automatismo.

Na crítica que escrevemos em 1992, a propósito da exposição que realizou na Galeria da Secretaria Regional de Turismo e Cultura, reconhecemos que a artista estaria então muito mais próxima de Arpad Szenes do que do estilo construtivista linear e rectilíneo de Vieira da Silva. Curiosamente, desde aquela data, a apetência plástica de Manuela Jardim evoluiu esteticamente para um singular abstraccionismo, caracteristicamente curvilíneo, quase sempre de contornos definidos por arquiteturas espectrais, mais contrastados pelas cores prismáticas e menos lineares, em fantasmagóricas manchas geométricas de reverberantes mosaicos, tecidos em tapeçarias policromáticas que dão forma a um imaginário xadrez de criptologias pictóricas de intensa ressonância esotérica, dentro e fora da tela.

Para a distinta pintora, deixamos aqui, o humilde registo duma palavra de expressivo reconhecimento pela distinção e merecimento que se dignou atribuir-nos.

Por fim, tendo em conta o incontestável mérito artístico da pintora e a sua própria ascendência étnica, consideramos de vital importância referir, para finalizar esta nota introdutória à sua actual exposição, um pequeno excerto duma recente crónica publicada, numa das mais divulgadas publicações europeias da especialidade, pelo eminente crítico de arte e comentador cultural contemporâneo Nicolas Bourriaud *, que sintetiza uma oportuna e judiciosa apreciação sobre os destinos da arte em especial, e da globalização da cultura em geral, nos nossos tempos:

«Aujourd`hui, les alliages et les métissages constituent le moteur de la culture contemporaine, dans l`art comme dans la littérature, le cinéma ou le design».

João Silvério Pires/ 2000

Projecto Educativo *Panos Africanos*

O projecto educativo de Manuela Jardim sobre os Panos Africanos obteve em 2003 uma Licença Sabática do Ministério da Educação.

O projecto teve como ponto de partida os *Panos d`Obra* da Guiné e de Cabo Verde pertencentes às colecções do Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, recolhidos nas décadas de 60 e 70, pelos etnólogos, Rogado Quintino e António Carreira, respectivamente da Guiné e de Cabo Verde.

Os trabalhos de expressão plástica foram desenvolvidos em papel reciclado, gesso e barro; nas técnicas de desenho, pintura, escultura e tingidura de panos, tendo como fio condutor a observação dos panos, o seu contexto histórico e sócio - cultural, textura, estrutura, cores e padrões. Foram apresentados em exposição - *Através dos panos*, com ateliês (de 2005 a 2008) no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa. A exposição *Panos d`Obra* foi apresentada no Instituto Franco - Português (2007); na V Bienal de S. Tomé e Príncipe (2008), na Fundação Mário Soares, Lisboa (2009); no Encontro da Lusofonia, Macau (2011); no Museu dos Lanifícios, Covilhã (2012); no Forte do Bom Sucesso em Belém (2013) e no Centro Cultural - Ponta Delgada, Açores(2015) tendo como objectivo o valor estético, artístico e pedagógico dos panos.

Manuela Jardim